

Banda Sinfónica Portuguesa

23 Jun 2022
22:00 Sala Suggia

CONCERTO DE SÃO JOÃO

Francisco Ferreira direção musical
António Saiote clarinete

Nikolai Rimski-Korsakoff (arr. Frank Wintterbottom)

Capricho Espanhol, op. 34 (1887; c.15min)

1. *Alvorada* —
2. *Variações* —
3. *Alvorada* —
4. *Cena e canto cigano* —
5. *Fandango asturiano*

Oscar Navarro

Concerto n.º 2 para clarinete (2012; c.21min)

Duarte Pestana

Arco-íris, fantasia popular (1952; c.14min)

Nikolai Rimski-Korsakoff (1844-1908) foi uma figura central da música russa entre o final do século XIX e o início do século XX. Na sua vasta obra destacam-se as óperas e as obras para orquestra, que evidenciam a sua infindável criatividade no tratamento das paletas orquestrais. As suas composições mais célebres foram escritas entre 1887 e 1888: *Capricho Espanhol* op. 34, *Shéhérazade* op. 35 e *A Grande Páscoa Russa*. Foi um dos membros do Grupo dos Cinco, fundado por Balakirev e activo a partir de 1867, que pretendia afirmar as características nacionais russas na música, o que pode considerar-se ter sido atingido em muitas obras dessa época e das décadas seguintes, sob a influência desta matriz. Mas a verdade é que o próprio Rimski-Korsakoff viria a revelar-se pouco crente na ideia de um nacionalismo musical, afirmando que “uma música autenticamente russa não existe”.

O *Capricho Espanhol* é uma viagem a um país que este compositor nunca visitou fisicamente. Fê-lo de uma outra forma, ao conhecer uma colecção de melodias populares espanholas publicada por José Inzenga (*Ecoss de España, colección de cantos y bailes populares*). A obra desenvolve-se ao longo de cinco andamentos. Começa com “Alborada”, uma dança animada criada a partir de temas tradicionais das Astúrias e que coloca em evidência o clarinete e o violino (na versão original para orquestra). Seguem-se as “Variações”, construídas sobre um melancólico tema em jeito de canto popular, apresentado em primeiro lugar pelas trompas e depois percorrendo outros naipes. Depois de uma reaparição da “Alborada”, que se diferencia da primeira pela instrumentação e pela tonalidade, surge “Cena e Canto Cigano”, iniciada por um rufo nas percussões e cadências de vários instrumentos solo, com melodias claramente inspiradas na música cigana, terminando numa dança em tempo ternário. Esta liga-se sem interrupção ao “Fandango Asturiano”, também em compasso ternário, terminando a obra em apoteose.

O alicantino **Óscar Navarro** (n. 1981) estudou composição e direcção em Valência e especializou-se em Composição para Cinema e Televisão na Universidade do Sul da Califórnia, com o prémio “Harry Warren Endowed Scholarship for Scoring for Motion Pictures and TV”. Foi galardoado com o Hollywood Music In Media Award (Los Angeles), na categoria de música clássica. Em 2014, foi nomeado para o Prémio Goya da Academia de Cinema Espanhol pela banda sonora original para o filme *La Mula*, e em 2016 ganhou o Prémio da Crítica Musical com a banda sonora para o filme *Sueños de Sal* — também nomeado para o Hollywood Music In Media Award e vencedor do Prémio Jerry Goldsmith para

Melhor Canção atribuído pelo Festival de Málaga. A sua música tem sido tocada regularmente por grandes orquestras e bandas de todo o mundo.

O Concerto n.º 2 para clarinete e orquestra sinfónica (aqui apresentado numa transcrição para clarinete e banda do próprio Oscar Navarro) é escrito num andamento único com três secções. Segundo o compositor, “na maior parte da peça, a linguagem é tonal com um amplo colorido e uma orquestração rica. A obra explora grande parte das possibilidades técnicas do clarinete, muitas vezes tratado como o instrumento por excelência dentro de todos nós: a voz. A primeira grande secção da obra está dividida em duas partes: uma muito *cantabile* com rasgos de estilo étnico/*new age*; contrastando com a segunda, inspirada no típico flamenco. Esta é acompanhada pelas sonoridades tradicionais das palmas, que se juntam ao clarinete e à banda numa dança que nos conduz à secção seguinte da obra. Com um toque minimalista, esta segunda secção explora as possibilidades dinâmicas e expressivas do instrumento solista, que novamente se aproxima da voz humana. Com sonoridades *pianissimo* e níveis altos de expressividade, o ouvinte é hipnotizado até ao clímax, momento em que o colectivo se apresenta carregado de energia e sentimento, dando lugar ao relaxamento final, de carácter etéreo e flutuante com pinceladas impressionistas. A última secção (*prestissimo*) é uma grande dança em que o clarinetista explora o seu virtuosismo e a sua técnica, em permanente diálogo com a banda sinfónica”.

Duarte Ferreira Pestana (1911-1974) nasceu em Lamego e estudou no Conservatório de Música do Porto. Nesta cidade fez parte da Banda da GNR e da Banda do Exército, transferindo-se mais tarde para Lisboa, onde foi solista de clarinete na Banda da GNR. A extensa obra de Duarte Pestana engloba uma grande variedade de estilos, destacando-se a música para banda e especialmente as suas “fantasias populares”. Mas o compositor foi também colaborador da antiga Orquestra da Emissora Nacional e foi maestro no Coliseu dos Recreios e na Orquestra da Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho (FNAT). Aliás, as gerações de 1960 conhecem bem um hino colonial que lhe foi encomendado na época, com texto de Santos Braga, interpretado pelo Coro e Orquestra da FNAT: *Angola é Nossa*. Mas a sua obra é muito mais vasta, estendendo-se à música para o teatro, cinema, rádio e música ligeira.

Arco-íris é precisamente uma das fantasias populares, a segunda, e para além de ser a sua obra mais louvada é uma das mais visitadas do repertório nacional para banda. Uma das razões para o seu valor simbólico pode ser encontrada na forma como o compositor aborda formas bem características da música popular portuguesa. A primeira abordagem surge logo após a introdução, numa marcha alegre que passa por todos os naipes instrumentais. Segue-se um interlúdio lento que dará lugar a uma outra marcha, esta mais melancólica e com uma melodia de canção simples mas inspiradíssima. Há lugar ainda para uma valsa, e as secções contrastantes sucedem-se como é próprio de uma fantasia. Mas a surpresa surge mais à frente com um *swing* inesperado a assinalar a importância das novas danças importadas das *big bands* americanas que faziam também furor pelas nossas pistas de dança até meados do século XX.

Francisco Ferreira direcção musical

Francisco Ferreira tem um percurso artístico que o tem vindo a destacar com uma carreira multidisciplinar. É diplomado em Saxofone pelos Conservatórios de Música do Porto e de Limoges (França) e pela Escola Superior de Música de Lisboa, com as mais altas classificações. Teve o mérito de desenvolver em Portugal uma importante classe de saxofone com imensos alunos premiados em concursos nacionais e internacionais.

Tem vindo a dedicar-se igualmente ao desenvolvimento das orquestras de sopro, o que o levou a trabalhar direcção de orquestra com Jan Cober, Marc Tadue, Eugene Corporon, Douglas Bostock e José Pascual Vilaplana, concluindo em 2007 o Mestrado em Direcção de Orquestra no Real Conservatório dos Países Baixos em Maastricht.

Foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian e do Instituto Camões, premiado pela Fundação Eng.º António de Almeida e vencedor do Concurso “Ouvir e Falar” da responsabilidade do maestro António Victorino d’Almeida, apresentado na RTP.

Apresenta-se regularmente em concertos na Europa, na Ásia e no Brasil. Tocou a solo com a Orquestra Sinfónica do Porto, as Orquestras Clássicas do Porto e da Madeira, a Banda Sinfónica Portuguesa, a Banda da Polícia de Segurança Pública de Lisboa, as Bandas de Curitiba (Brasil) e Municipal da Corunha (Espanha) e ainda com a Orquestra Portuguesa de Saxofones. É frequentemente convidado para orientar masterclasses e para integrar júris de prestigiados concursos nacionais e internacionais de saxofone e de bandas.

Como maestro, dirigiu imensas formações de sopro e percussão, nomeadamente as Bandas Sinfónicas da Guarda Nacional Republicana (Lisboa), da Covilhã e do Conservatório de Música do Porto, as Orquestras de Sopros do Algarve, da Escola Superior de Música de Lisboa e das escolas profissionais de Espinho, Beira Interior e ARTEAM, a Filarmonia de Vermoim (Maia), a Orquestra da União Europeia, a Rundfunk-Blasorchester Leipzig (Alemanha), a Banda Sinfónica de Tatuí (São Paulo, Brasil), a Orquestra de Sopros de Gran Canaria, as Bandas Municipais de Santa Cruz de Tenerife, de Vitória — Gasteiz e de Pontevedra (Espanha), a Orquestra do Norte, entre outras.

Nesta área, foi vencedor do 1.º prémio do II Concurso Internacional de La Sénia (Espanha) e World Music Contest em Kerkrade (Holanda), na categoria superior — com a mais alta classificação de todas as edições, na qualidade de maestro titular e director artístico da Banda Sinfónica Portuguesa, cargos que ocupa desde a fundação desta instituição.

É ainda Director Pedagógico da Academia de Música de Costa Cabral — Porto. Paralelamente à sua carreira artística, licenciou-se em Direito pela Universidade Católica Portuguesa.

António Saiote clarinete

António Saiote escreveu a história do clarinete em Portugal. Nascido em Loures, é um artista e pedagogo reconhecido mundialmente. Foi bolseiro da Fundação Gulbenkian em Paris com Guy Deplus e Jacques Lancelot, e em Munique com Gerd Starke, onde obteve o *Meisterdiplom* da Hochschule de Munique com distinção. Fez cursos de Pós-Graduação em Música Contemporânea em Espanha, com Artur Tamayo, e Repertório Tradicional em Inglaterra, com Georges Hurst. Obteve um Mestrado em Direcção de Orquestra pela Universidade de Sheffield.

Tocou com a Orquestra Gulbenkian, a Sinfónica Portuguesa, a Orquestra Clássica do Porto, a Régie Sinfonia, as Orquestras da Rádio de Lisboa e Porto, as Orquestras de São Paulo e de Xangai, a Filarmonia das Beiras, a Orquestra do Norte, a Orquestra Sinfónica do Algarve e a Sinfónica de Zurique. Foi solista convidado de diversos congressos mundiais e actuou em festivais de Portugal, China, França, Venezuela, Brasil, Marrocos, Peru, Macau, Espanha, entre outros.

Desde 1998, desenvolve paralelamente uma profícua carreira de maestro tendo dirigido todas as orquestras portuguesas, e orquestras em Espanha, Venezuela, França e Alemanha. Dirigiu óperas tais como *O Amor Industrial* (Sousa Carvalho), *Il Boticário* (Haydn), *Amor de Perdição* (João Arroyo), *Kleine Mahagony* e *Os Sete Pecados Mortais* (Kurt Weill), *O Doido e a Morte* (Alexandre Delgado), *Pierrot Lunaire* (Schoenberg), *Così fan tutte*, *Don Giovanni* e *A Flauta Mágica* (Mozart) e *A Hora Espanhola* (Ravel). É maestro titular da Orquestra Sinfónica da ESMAE.

Integra o júri dos prestigiados concursos de Toulon, Constancia, Sevilha, Varsóvia, Caracas, Kortrik, Ghent e Brasília, e é presidente do concurso Valentino Buchi em Roma. Foi nomeado, por unanimidade, Membro de Honra da Associação Internacional de Clarinete. Foi-lhe atribuído o título de Personalidade Latino-Americana do Clarinete pela Associação Clariperu e foi distinguido com a Medalha de Honra do Concelho de Loures. Colabora regularmente como pedagogo, solista e maestro com o Sistema Venezuelano de Orquestras Infantis e Juvenis. Foi mentor e co-organizador do Congresso Mundial de Clarinete 2009, no Porto, e director artístico do Festival e Academia de Guimarães.

É director artístico da orquestra sinfónica da ESMAE e do Meeting Internacional de Clarinete Marcos Romão, e membro fundador da Ópera Norte. Actuou ou ensinou em mais de trinta países da Ásia, da Europa, da América e da África do Norte.

Gravou vários CD e mantém uma presença activa das suas *performances* no YouTube. Foi docente na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo do Porto (ESMAE).

Fala castelhano, italiano, francês, alemão, polaco e inglês.

Banda Sinfónica Portuguesa

Com sede na cidade do Porto, a Banda Sinfónica Portuguesa teve o seu concerto de apresentação a 1 de Janeiro de 2005 no Rivoli, Teatro Municipal do Porto, onde também gravou o seu primeiro CD, tendo entretanto recebido um importante apoio por parte da Culturporto, da Portolazer e da Ágora na divulgação e expansão do seu projecto nesta cidade. A partir de 2007, a BSP é convidada pela Fundação Casa da Música a apresentar-se regularmente na Sala Guilhermina Suggia, onde tem vindo a interpretar regularmente um conjunto de obras originais de compositores portugueses e estrangeiros, sendo responsável pela execução em primeira audição de mais de meia centena de obras, resultante ainda do seu concurso de composição e de encomendas. Em Abril de 2010, lançou o álbum *A Portuguesa* com obras exclusivamente de compositores portugueses, num concerto realizado no auditório da Faculdade de Engenharia do Porto. Tem vindo a gravar regularmente outros trabalhos, nomeadamente *Traveler* (2011), *Hamlet* (2012), *Oásis* (2013), *Grand Concerto pour Orchestre d'Harmonie* (2014), *Sinfónico* com Quinta do Bill (2015), *Trilogia Romana* (2015), *Porto* (2016), *The Ghost Ship* (2017) e *Night and Day* (2019).

A BSP possibilitou, na maioria dos seus concertos, a apresentação de talentosos solistas nacionais e internacionais, sendo de destacar nomes como Pedro Burmester, Sérgio Carolino, Mário Laginha, Elisabete Matos, Marco Pereira, Jean-Yves Fourmeau, Nuno Pinto, Vicente Alberola, Pierre Dutot, Vincent David, Horácio Ferreira, Rubén Simeó, Vasco Dantas, incluindo vários músicos que integram a formação. Alguns concertos contaram ainda com a participação de vários coros e com grupos como Vozes da Rádio, Quinta do Bill, Quarteto Vintage, European Tuba Trio, entre outros.

Maestros internacionalmente reputados como Jan Cober, José Rafael Vilaplana (maestro principal convidado da BSP), Douglas Bostock, Baldur Brönnimann, Alex Schillings, Marcel van Bree, Rafa Agulló, Dario Sotelo, Henrie Adams, Eugene Corporon e Andrea Loss dirigiram a BSP com enorme sucesso, tendo considerado este projecto como extraordinário e de uma riqueza cultural enorme para Portugal. A BSP tem vindo a receber até ao momento as melhores críticas, não só do público em geral, como também de prestigiados músicos nacionais e estrangeiros. Maestros portugueses como Pedro Neves, Fernando Marinho, Alberto Roque, José Eduardo Gomes, Hélder Tavares, Luís Carvalho, André Granjo, entre outros, dirigiram também a orquestra.

Destaca-se a realização de concertos nas principais salas de espectáculo de norte a sul do país, Igrejas, Santuário de Fátima, bem como na vizinha Espanha — no Teatro Monumental de Madrid (RTVE) e ainda nas cidades de Pontevedra, Corunha, Ávila, Llíria, Lleganés e participações nos Certames Internacionais de Boqueixón e Vila de Cruces (Espanha).

A BSP obteve os 1.^{os} prémios no II Concurso Internacional de Bandas de La Sénia na Catalunha (Espanha, 2008), na 1.^a secção, e na categoria superior (Concert Division) do 60.^o World Music Contest em Kerkrade (Países Baixos, 2011), com a mais alta classificação alguma vez atribuída em todas as edições daquele que é considerado o “campeonato do mundo de bandas”.

Em 2014, a BSP realizou a sua primeira tournée intercontinental pela China, realizando cinco concertos nas cidades de Hangzhou, Jiangyin, Shaoxing, Ningbo e Jiaxing. Participou em 2017 na qualidade de orquestra de referência no panorama internacional, no 18.º Festival do World Music Contest em Kerkrade e na 17.ª Conferência Mundial da World Association for Symphonic Bands and Ensembles em Utrecht. Realizou em Novembro de 2019 uma digressão às Canárias, actuando em Tenerife e na Gran Canaria.

Outros objectivos passam pela organização de masterclasses de instrumento com professores de reconhecido mérito artístico, bem como Cursos de Direcção (contando-se já 25 edições) orientados pelos prestigiados maestros Marcel van Bree, Jan Cober (Holanda), Douglas Bostock (Inglaterra), José Rafael Vilaplana (Espanha), Eugene Corporon (EUA) e Baldur Brönnimann (Suíça). Em 2017, deu início ao festival BSP Júnior, que reúne anualmente centenas de jovens promissores instrumentistas.

A Banda Sinfónica Portuguesa é uma associação cultural, sem fins lucrativos, apoiada pela Direcção-Geral das Artes. A direcção artística está a cargo do maestro Francisco Ferreira.

Flautas

Herlander Sousa
Daniela Anjo
Carolina Brito (piccolo)

Oboés

Beatriz Barros
Gabriela Silva
Sara Moreira (corne inglês)

Fagotes

Catarina Nunes
Pedro Afonso Silva

Clarinetes

Tiago Batista
Ana Rita Petiz
Nuno Sousa
Sara Costa
João Ramos
Rui Lopes
Alcina Azevedo
Carina Batista
Pedro Ramos
Bruno Silva
Beatriz Rocha
Manuel Pinheiro
Samuel Marques (requinta)
Daniel Amaro (baixo)

Saxofones

Gilberto Bernardes (alto)
José Pedro Gonçalves (alto)
Isabel Anjo (tenor)
Rui Cunha (tenor)
Telma Fontes (barítono)

Trompas

Nélson Silva
Rui Pires
Pedro Martins
Nuno Matos
Emanuel Silva

Trompetes

Telmo Barbosa
Sérgio Pereira
Tiago Ferreira
Tiago Peixoto
André Santos
Miguel Vilarinho

Trombones

Tiago Nunes
Diogo Andrade
Joaquim Oliveira
Tiago Noites (baixo)

Eufónios

Nuno Costa
Luís Gomes

Tubas

Jorge Fernandes
Xavier Novo

Percussão

Jorge Lima (tímpanos)
Paulo Mota
Tomás Rosa
Jonathan Silva
Francisco Fernandes
Óscar Fernandes

Contrabaixo

Cláudia Carneiro

Harpa

Erica Versace